

RETOMADA NO YVY RUPÁ: Resistência *Mbya* Guarani em terras ancestrais no litoral do Rio Grande do Sul

Rafaela Biehl Printes¹
André Benites²

Resumo

O trabalho apresenta o contexto e andamento de um movimento de retomada de terras ancestrais *Mbyá* Guarani, iniciada em janeiro de 2017, no município de Maquiné, litoral norte do Rio Grande do Sul (RS). A retomada ocorreu em área pública, sob domínio do Governo Estadual do Rio Grande do Sul, através da Fundação Estadual de Pesquisa e Agropecuária – FEPAGRO, uma das Fundações extintas pelo atual Governo Estadual, sob a justificativa oficial da necessidade de enxugamento dos gastos estatais. Conforme os *Mbyá*, eles estão retomando uma porção de terras originárias, por identificadas como *Yvy Rupá* (“a terra onde que pisamos uma só terra”), que compõe seu espaço geográfico e sociocosmológico, onde se expressam territorialidades, construídas na mobilidade e em práticas de territorialização. A retomada expressa o Plano de Vida *Mbyá kuery* no litoral do RS como um processo vivo, estando inserido na perspectiva do Bem Viver.

Palavras-chave: *Mbyá* Guarani, retomada, bem viver.

Introdução

Este trabalho apresenta o contexto em andamento do movimento de retomada de terras ancestrais *Mbyá* Guarani, iniciada no município de Maquiné em janeiro de 2017, no litoral norte do Rio Grande do Sul (RS). A retomada ocorre uma área pública do Governo do Estado do RS, sob domínio da Fundação Estadual de Pesquisa e Agropecuária – FEPAGRO, uma das Fundações extintas pelo atual Governo Estadual, sob a justificativa oficial da necessidade de enxugamento dos gastos estatais.

Conforme os *Mbyá*, a retomada se dá em uma porção de terras originárias, por eles identificadas como *Yvy Rupá* (a terra onde pisamos, uma só terra), que compõe seu espaço geográfico contínuo e sociocosmológico, onde se expressam territorialidades, construídas na mobilidade e em práticas de territorialização. A mobilidade *Mbyá* ocorre no espaço-tempo em que dinâmicas do passado-futuro andam juntas, sendo o passado a referência para o futuro. Os *Mbyá* afirmam que esta retomada foi mobilizada por um movimento autônomo e autodeterminado, conforme orientações de *Nhanderú* (uma de suas divindades). Em meio as graves ameaças e retrocessos no tange o ataque aos direitos conquistados pelos povos originários no Brasil, a retomada se mostra como um movimento pacífico e de resistência, em que os *Mbyá* retornam ao território que lhes pertence originariamente.

¹ Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR/UFRGS); Professora assistente na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS)

² Cacique *Mbyá* Guarani, aldeia *Ka'aguy Porã*, área retomada em Maquiné – Rio Grande do Sul/Brasil.

O texto discorre sobre o fortalecimento da rede *Mbyá* no litoral do RS, iniciado em março de 2016, na transversalidade da implementação de políticas públicas, indigenista e territorial: a Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas/PNGATI e o Programa Desenvolvimento Sustentável de Territórios Rurais/PRONAT, respectivamente, oportunizaram a realização de quatro *Nhemboaty mbya kuery: teko ojevy angua regua, yy e'ë reguá* (Encontros *Mbyá* Guarani: passado-futuro na continuidade da cultura), como parte da metodologia para a construção de um Plano de Vida Mbya e gestão a biodiversidade no litoral do RS. Foi a partir de políticas públicas de desenvolvimento rural com apoio de projetos de ONGs ligadas à causa indígena que ao longo de 2016 os *Mbyá* Guarani passaram a intensificar encontros para rever e repensar a situação da gestão territorial e ambiental de suas terras, em articulação com os demais atores do território rural litoral, fortalecendo suas redes interaldeãs e redes interculturais, contribuindo também para o movimento de retomada.

Este trabalho possui uma abordagem metodológica qualitativa e de natureza aplicada, utilizando-se de pesquisa bibliográfica e documental, de campo e pesquisa ação, lidando com fontes primárias e secundárias de coleta de dados.

O trabalho está estruturado em cinco seções, sendo a primeira esta introdução. A segunda seção aborda aspectos do território e territorialidade *Mbyá* Guarani. A terceira seção trata do sistema socioecológico e da cosmoecologia *Mbyá* Guarani. Na quarta seção apresentamos as ações de um programa de desenvolvimento territorial cujas articulações na execução têm contribuído para a construção de possíveis caminhos alternativos ao desenvolvimento. A quinta seção trás argumentos acerca da retomada como um caminho em busca do Bem Viver. Na sexta seção são apresentadas as considerações finais.

Os *Mbya* Guarani: território e territorialidade

Os *Mbyá*, juntamente com os *Nhandeva* e *Kaiowá*, são integrantes de um grande conjunto sociocultural da família linguística Tupi-Guarani, do tronco Tupi. Trata-se de três parcialidades étnicas que apresentam diferenças linguísticas e socioculturais (SCHADEN, 1974). Conforme o último censo do IBGE (2010) no Brasil se estima que juntas componham uma população de aproximadamente 51.000 mil pessoas³, se destacando entre as maiores populações indígenas do país, porém com menos terras regularizadas (FUNAI, 2015). No Brasil a população *Mbyá* Guarani é estimada em 8.026 indígenas (IBGE, 2010) sendo mais

³ Sem considerar a população que vive em cidades.

expressiva nas regiões sudeste e sul⁴. No RS atualmente vivem aproximadamente 2.500 pessoas da etnia *Mbyá*, distribuídas em cerca de 400 famílias (SOARES, 2015).

Os *Mbyá* estão presentes no atual território do RS há pelo menos 2.000 anos (GOBBI *et al.*, 2010). Há séculos habitam de preferência em áreas florestadas nas margens das áreas lacustres, fluviais e marítimas, evidenciando uma ocupação fundamentada em “regime de circulação sazonal entre aldeias e acampamentos” orientada por “fatores ambientais, ecológicos, históricos e de ascendência cultural” (SOUZA, 2008, p.19).

Para os *Mbyá* toda terra onde pisam compõe parte do *Yvy Rupá* território originário, ancestral. *Yvy Rupá* é uma categoria Guarani para se referir à “Terra”, ao “Mundo”, conforme suas formas de pensamento, indissociáveis de suas práticas de territorialização que possuem, como tudo o mais para este povo, um fundamento religioso/cosmológico, conforme amplamente descrito e analisado pela bibliografia nos mais de cem anos de produção etnológica/antropológica sobre os Guarani⁵ (PRINTES *et al.*, 2017).

O *Yvy Rupá* se expressa em um amplo espaço geográfico e sociocosmológico, que remonta para antes da formação do Brasil, Argentina, Paraguai, Bolívia e Uruguai, países que, em suas construções coloniais, impuseram fronteiras no contínuo território guarani. A partir da imposição destas fronteiras se viram obrigados a lidar com as identidades nacionais, as quais não impedem que suas relações atravessem as linhas divisórias, e os constrangimentos típicos de fronteiras, do colonizador, configurando aos Guarani uma territorialidade, cujos processos históricos, desde certa perspectiva colonial, buscou, e busca, enquadrar os Guarani como estrangeiros (PRINTES *et al.*, 2017).

Os registros históricos, desde as primeiras incursões coloniais nos 1500 até a contemporaneidade, encontraram os Guarani em movimento. No século XX, os *Mbyá* Guarani impressionaram aqueles que buscavam compreendê-los por, aparentemente, “não pararem”. Conforme as interlocuções se aprimoraram, apreendeu-se que a mobilidade, o caminhar (*guata*), através das orientações e ensinamentos dos xamãs, em comunicação com as divindades, constitui os fundamentos do *mbya reko*. É neste constante movimento que

⁴ Com exceção de Minas Gerais. Nos estados do Pará (Reserva Indígena Nova Jacundá) e Tocantins (Terra Indígena Xambioá) também habitam populações Mbya Guarani.

⁵ A produção antropológica sobre os guarani, bem como historiográfica e arqueológica, é imensa. Sobre este aspecto da centralidade da religião/cosmologia, cabe citar os clássicos cujas descrições e análises continuam pertinentes e ressoando nas pesquisas contemporâneas: Nimuendaju 1987[1914] Schaden 1954, Cadogan 1997[1954].

constroem os lugares que possibilitam a sua reprodução física e cultural: o *tekoa*, a aldeia (PRINTES *et al.*, 2017). Há séculos a sua mobilidade tem se deparado com constrangimentos decorrentes do processo de colonização não indígena, de modo que situações de retomada, como a que se configura atualmente em Maquiné, devem ser compreendidas como um complexo esforço de manterem-se em movimento no fazerem-se pessoas entre si.

Os *Mbyá* forçados pela ocupação não indígena, se deslocam pelas suas terras originárias em um movimento migratório, buscando espaços para se realocarem. Essa realocação se dá planejadamente, afim de manter o *Mbyá rekó* (modo de ser, modo de vida) vinculados as demandas da cultura que envolve aspectos socioecológicos, socioeconômicos, espirituais (GARLET, 1997). Na contemporaneidade, os *Mbyá* têm retomado às suas terras e territórios originários por meio de diferentes mecanismos. Estas terras representam apenas porções de uma só terra originária e contínua, pois para os *Mbyá* Guarani os limites, as fronteiras, são invenções dos *jurua* (não indígenas) e não correspondem a maneira como habitam esse mundo.

No litoral do Rio Grande do Sul as aldeias Mbya Guarani estão localizadas em sete (7) municípios, conforme mostra o quadro 1:

Nº	Terra Indígena	<i>Tekoa</i> (aldeia)	Município	População (2017)	Superfície (hectare)	Fase de procedimento
1	Acampamento Capivari	<i>Porã'i</i>	Capivari do Sul	?	1	Sem providências
2	Campo Bonito	<i>Nhu Porã</i>	Torres	93	94,8300	Regularizada
3	Capivari (Granja Vargas)	<i>Yryapu</i> <i>Aracaty</i>	Palmares do Sul	38	43,3215	Regularizada
4	Guarani Barra do Ouro/ <i>Campo Molhado</i>	<i>Nhu'u Porã</i>	Maquiné, Riozinho, Carará	36	2.268,6045	Regularizada
5	Ilha da Lagoa	<i>Pindoty</i> <i>Ka'a Mirindy</i> <i>Yy Pa'ü</i>	Palmares do Sul	18	?	Sem providências
6	Interlagos-Estrada do Mar	<i>Kuaray Rexe</i>	Osório	50	45	Adquirida
7	Riozinho 1	<i>Itapoty</i>	Riozinho	16	24,4424	Adquirida
8	Riozinho 2	<i>Pindoty</i>	Riozinho	14	12	Sem providências
9	Som dos Pássaros	<i>Guyra Nhendu</i>	Maquiné	20	12	Sem providências
10	Varzinha	<i>Ka'aguy Pa'ü</i>	Carará, Maquiné	50	776,2761	Regularizada
11	Bananal	<i>Pakovaty</i>	Maquiné	8	4	Cedida por particular

12	Área retomada em Maquiné - Fepagro	<i>ka'aguy porã</i>	Maquiné	96	367	Área retomada – em processo judicial
----	------------------------------------	---------------------	---------	----	-----	--------------------------------------

Estas terras apresentam características diversas, no que tange a localização geográfica em áreas extremamente íngremes e de altitude cujas condições climáticas e de solos inviabilizam o cultivo de sementes tradicionais (por exemplo, TI Campo Molhado está a 1.000 m de altitude), ou arrasadas ambientalmente, abrigando pequenos remanescentes de matas, com problemas relacionados ao assoreamento de nascentes, córregos, predominância de espécies exóticas (eucaliptos, pinus, acácia) em detrimento de espécies nativas, solos exauridos/degradados/contaminados pela agricultura intensiva (monocultivos de arroz, soja, etc.) pecuária, etc., resquícios da modernização agrícola de alto impacto ambiental.

A recuperação da biodiversidade e a melhoria ambiental destas áreas, têm sido realizadas pelos próprios indígenas⁶, considerando que eles possuem uma relação milenar de controle sobre suas terras e territórios originários, envolvendo o manejo dos solos, das plantas e dos animais silvestres em ambientes florestais e/ou campestres, suportando modos de vida e territorialidades. Tal controle se dá por meio da manutenção dos conhecimentos ecológicos tradicionais (GADGIL; BERKES; FOLKE, 1993) que resultam da íntima interação, observação e experimentação estabelecida entre humanos e natureza. O sistema originário de uso da biodiversidade para uma variedade de finalidades está associado a própria mobilidade dos *Mbyá* no espaço geográfico em que espessa a sua territorialidade.

Na próxima seção são apresentadas características do sistema socioecológico e da cosmoecologia *Mbyá* Guarani.

Sistema socioecológico e cosmoecologia *Mbyá* Guarani

A concepção de sistema socioecológico se dá à luz de uma perspectiva epistemológica baseada na visão sistêmica e holística, que aposta na inexistência de fronteiras e limites entre sociedade (humanos) e natureza (ecossistema). Nesse enfoque, a noção de sistema é um aspecto básico que orienta as inter-relações entre os elementos do ambiente, pois a alteração em um dos elementos traz consequência ao conjunto. Nesta perspectiva, toda e qualquer tentativa de gerir o ambiente sem considerar essa indissociabilidade tende a não prosperar, pois são formas arbitrárias e artificiais que negam a complexidade das interações existentes na “vida” (BERKES *et al.*, 2003; MORIN, 2005; BERKES, 2005).

⁶ Alguns com apoio de projetos ligados à universidades, organizações não governamentais ou órgão do Estado.

O sistema socioecológico é um sistema ecológico intrinsecamente ligado e afetado por um ou mais sistemas sociais. Um sistema ecológico pode ser definido como um sistema interdependente de organismos ou unidades biológicas; o sistema social tende a ser formado por relações cooperativas e interdependentes das pessoas que habitam um mesmo espaço.

O sistema socioecológico *Mbyá* Guarani é tecido nas relações com humanos, com os espíritos das matas, com os animais silvestres, com os elementos simbólicos, com as feições geográficas por eles estabelecidas no *Yvy Rupá*. É no *Yvy Rupá* (espaço geográfico em que se expressa a territorialidade *Mbyá*) que estão os elementos da natureza, por eles acessados e usados conforme a cosmoecologia *Mbyá* Guarani, expressa na interação com o ambiente e o sistema sociocultural *Mbyá* que suportam e dão vida ao *mbyá rekó* (modo de ser). Também as relações interculturais compõem o sistema “sociocosmoecológico” *Mbyá*.

A prática da agricultura é um dos componentes do sistema socioecológico *Mbyá*, embora a caça e a pesca componham atividades fundamentais de conceber o sustento da vida, é na agricultura que a sustentabilidade vem sendo documentada em diversas etnografias a respeito dos *Mbyá*. A diversidade de plantas cultivadas, sua prática e seus produtos, associam-se com dimensões cosmológicas, sociais e econômicas (SCHADEN, 1962), bem como com as relações cosmoecológicas *Mbyá* Guarani (SOUZA, 2008; SOUZA, 2010).

A agricultura tradicional guarani se caracteriza pelo consórcio de variados cultivos, em sistema de queima e pousio, sendo que o milho (*avaxi hete'i*), que é plantado por primeiro na roça, detém especial atenção e representa o cultivo mais diverso entre os Guarani. É tradicionalmente acompanhado por outros cultivos como a *mandió* (mandioca), *jety* (batata-doce), *komandá* (feijão), *manduvi* (amendoim), *xanjau* (melancia), *andaí* (abóbora), *pety* (tabaco), *hy'akuá* (porongo). Tais produtos cultivados são centrais para o regime alimentar singular dos *Mbyá*, o qual se vincula com a construção da pessoa *Mbyá*, considerando à centralidade da alimentação nas culturas indígenas (COSSIO, 2015). O espaço da *kokué* (roça), com seus cultivos próprios à cultura *Mbya*, desempenha um importante papel no que diz respeito às relações entre humanos e entre estes e os deuses. Os componentes da agrobiodiversidade produzida entre os Guarani são assim resultantes de uma longa história de trocas, de convívio e inovações contemporâneas. As *kokué* (roças) são espaços intermediários entre a sociabilidade familiar (casas e pátios) e a floresta (lugar preferencial da animalidade, física e espiritual).

A cosmoecologia *Mbyá* se expressa em “quatro grandes unidades geográficas, que vão do interior do continente ao litoral atlântico: *Yvy Mbyté* (centro do mundo – Paraguai); *Para Miri* (mesopotâmia Paraná-Uruguaí, atual Província de Misiones, Argentina); *Tape* (caminho tradicional parte oriental do rio Uruguaí); *Pará Guaçu* (grande água - oceano Atlântico)”. Tais unidades cosmoecológicas ainda são referenciadas pelos *Mbya* quando expressam a geografia correspondente ao seu mundo (SOUZA, 2008, p. 23). Então para os *Mbya*, a cosmoecologia se refere a “tudo que é constantemente criado por *Nhanderu eté* (nosso pai verdadeiro, Deus) em seu benefício, ou seja, os rios, as matas e campos onde se criam as plantas e os animais que sustentam o modo de vida e a cosmologia dos *Mbyá* Guarani” (SOUZA, 2009, p.13).

Disputas coloniais causadoras da divisão do território originário *Mbyá* Guarani foram incapazes de apagarem totalmente as toponímias geográficas que revelam na língua Guarani os nomes de rios, lugares, feições geográficas, denominadas outrora pelos verdadeiros donos da terra. Fronteiras políticas criadas pelos Estados nacionais não dizem respeito ao modo de vida Guarani, transfronteiriço e constantemente atualizado no movimento, fundamentado na cosmoecologia (SOUZA, 2008).

No Rio Grande do Sul os *Mbya* Guarani, em constante mobilidade, tem se articulado com diferentes movimento junto aos grupos/instituições que planejam ações de gestão socioambiental no *Yvy Rupá*, seja por meio de projetos pontuais junto às ONGs, ou universidade e setores governamentais responsáveis em atender as políticas públicas junto aos povos indígenas. Entretanto, a “implantação de políticas diferenciadas depende do reconhecimento dos princípios norteadores do *Mbyá rekó*, algo que recém se esboça ao nosso conhecimento. Por seu lado, os *Mbyá* Guarani já estão formulando parâmetros a partir dos quais nossas ações políticas devem se moldar” (SOUZA, 2009, p.13).

Na seção que segue, é feita uma contextualização de um destes movimentos em que se engajaram pesquisadores de Universidades, técnicos, indigenistas, socioambientalistas e os *Mbyá* Guarani, no contexto da execussão políticas territorial e indigenista, cujos desdobramentos contribuíram para mobilizar e fortalecer a rede *Mbyá* no litoral do RS, com reflexos sobre a retomada das terras ancestrais em Maquiné.

De um programa de desenvolvimento à mobilizações alternativas ao desenvolvimento

Entre 2015 e 2016 foi constituída uma equipe intercultural para assessorar a implementação do Programa Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Territórios Rurais

(PRONAT), política territorial, juntamente com a Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas (PNGATI), política indigenista. Esta equipe intercultural foi formalizada pelo Núcleo Interinstitucional de Pesquisa e Extensão em Desenvolvimento Territorial e Etnoecologia (NIPEDETE), constituído no Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR/UFRGS), assessorando o Colegiado de Desenvolvimento Territorial (CODETER) do Litoral e Campos de Cima da Serra. Dentre as atribuições do CODETER⁷ está a construção do Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário (PTDRSS), que prevê um componente indígena, por meio da construção do Plano de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas (PGTA)⁸ *Mbyá* Guarani no litoral do RS (PRINTES *et al.*, 2016).

Desde janeiro de 2016, as aldeias *Mbyá* no litoral foram percorridas pela equipe intercultural sendo o cacique Felipe Brizoela, da aldeia *Pindoty*, o responsável pela articulação dos *Mbyá* no território. Em dezembro de 2015 foi realizada a I Conferência Territorial de Assistência Técnica e Extensão Rural do Litoral, onde o cacique Felipe Brizoela foi eleito delegado territorial. A grande participação dos Guarani, pescadores e quilombolas incentivou a realização de uma Conferência *Mbyá* Guarani de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) no dia 23 de março de 2016. A organização desta Conferência foi feita conjuntamente com o evento *I Nhemboaty mbya kuery: teko ojevy angua regua, yy e'ë reguá* - Encontro guarani: o passado-futuro na continuidade da cultura no Território Litoral, sendo realizadas expedições a campo, visitas e contatos com órgãos relacionados (Prefeituras, EMATER, FUNAI, SDR) (PRINTES, *et al.* 2016). Na ideia do “passado-futuro” está contido o encontro entre velhos e jovens *Mbyá* para pensarem juntos, a partir de seus pontos de vista, os possíveis caminhos a serem trilhados, mantendo a cultura milenar em meio aos desafios contemporâneos que se colocam no que tange a gestão das suas terras e território.

O *I Nhemboaty* ocorreu na aldeia *Pindoty*, município de Riozinho, em março/2016, reunindo 70 *Mbyá*, com expressiva participação da juventude, mulheres, demais lideranças e

⁷ O CODETER é a estrutura organizacional dos territórios rurais, que forma uma instância local de mobilização, onde Estado e sociedade planejam e geram as políticas públicas conjuntamente na construção de ações destinadas aos agricultores familiares *lato sensu*. Importante neste processo é o vínculo que está se criando das Universidades com os atores dos territórios rurais a partir da assessoria aos colegiados, onde ocorre um aprendizado mútuo.

⁸ O PGTA é uma ferramenta de implementação da PNGATI, que combina a dimensão política do controle territorial com a dimensão ambiental de ações voltadas para a gestão ambiental e sustentabilidade. Esta política está embasada na interculturalidade e intercientificidade e, em que o diálogo entre diferentes ciências e culturas (conhecimentos dos povos originários e conhecimentos técnico-científicos) interage para fins de gestão.

os sábios anciões. Neste *I Nhemboaty* as instituições participantes⁹ se comprometeram em contribuir para realização dos encontros itinerantes envolvendo representantes das aldeias do litoral do RS. A expectativa era de que os encontros fortalecessem a dinâmica do diálogo interno e exclusivo aos *Mbyá* em relação às questões que afetam à gestão do território, para melhor compreensão do PRONAT e PNGATI, considerando a construção do Plano de Vida *Mbyá kuery* no território litoral, por meio da articulação em rede.

Consta nos registros do I Encontro *Mbyá kuery* o descontentamento, baixo envolvimento/entendimento dos *Mbyá* em relação aos propósitos da Conferência de ATER, apresentando a partir de então uma atitude cosmopolítica (STENGERS, 2007) ao processo que se iniciava. Ressaltaram a necessidade de mais “tempo” para discussões, de desacelerar processos, expectativas e metodologias por parte dos mediadores não indígenas, considerando a existência de outras questões importantes de serem tratadas (STENGERS, 2007), conforme o *Mbya rekó*, um modo de ser onde sociedade-natureza-cultura são indissociáveis, se expressando em uma territorialidade fluída, no uso do espaço.

Destes descontentamentos surgiu como proposta uma mobilização sistemática para realização dos Encontros, que têm proporcionado à integração dos *Mbyá* no território, pois, conforme relatam, esta integração foi enfraquecida nas últimas décadas em função da inexistência de apoio para realização deste tipo evento. Conforme relato de Felipe Brizoela os *Mbyá* no litoral não se encontravam há mais de 20 anos, e esse “desencontro” iniciou quando as instituições do *jurua kuery* começaram a entrar nas aldeias, com projetos e políticas, pois a partir daí, ocorreram mudanças nas relações inter e intra-aldeã, conforme explicou em conversa com a equipe intercultural. Pois, antes o próprio Guarani se “organizava”, com a entrada dos *jurua* nas aldeias,

Uma política que entrou no meio do *Guarani kuery* dizendo assim: ‘cacique é o responsável’. Mas nem cacique tava entendendo o que que tava recebendo do grupo

⁹ Secretaria de Desenvolvimento Rural do RS (SDR), Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (ASCAR-EMATER), Fundação Nacional do Índio (FUNAI), Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UFRGS), Instituto Federal (IFRS), Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Prefeitura de Riozinho, Assistência Social, as cooperativas (COOPVIDA - Cooperativa de produtos naturais e artesanais de *Osório* e COOMAFITT - Cooperativa Mista de Agricultores Familiares de Itati, Terra de Areia e Três Forquilhas) ONGs: Instituto de Estudos Culturais e Ambientais (IECAM) e Associação de Estudos e Projetos com Povos Indígenas e Minoritários (AEPIM). A UFRGS, Emater, AEPIM e as cooperativas (COOPVIDA - Cooperativa de produtos naturais e artesanais de *Osório* e COOMAFITT - Cooperativa Mista de Agricultores Familiares de Itati, Terra de Areia e Três Forquilhas) e as prefeituras dos municípios de Riozinho, Torres, Osório, se destacaram por contribuírem com a logística, infraestrutura e alimentação dos encontros realizados em 2016. Posteriormente a AEPIM aprovou um projeto pela Fundação Luterana de Diaconia (FLD) para apoiar a realização de dois destes encontros.

jurua kuery. (...) Hoje não tá acontecendo uma ‘política Mbya’, mas uma ‘política misturada’, que traz confusão, às vezes, conflito entre os Mbya (Felipe Brizoela, mar.2016).

Esta crítica emostra a fragilização das instituições *Mbyá* a partir da intervenção externa de projetos e políticas públicas (envolvendo agentes de governo e ONGs) de maneira equivocada, que desconsidera a existência da dinâmica política interna de organização social indígena, prejudicando o sistema cultural *Mbyá*, gerando discordias, ciúmes e brigas internas.

Em 2016 foram realizados quatro (4) *Nhemboaty* (Encontros) itinerantes em aldeias do litoral do RS e a equipe intercultural adotou a dinâmica de redação coletiva de documentos finais destes Encontros denominados “*kuaxiá*” (papel), em que foram sendo registrados os principais temas discutidos, encaminhamentos e demandas consideradas relevantes na construção do Plano de Vida *Mbyá* no litoral do RS. Todos *kuaxás* foram entregues em mãos, para devidos encaminhamentos, às instituições participantes dos *Nhemboaty*.

Destacamos aqui o 4º *Nhemboaty Mbya Kuery*, que ocorreu em novembro de 2016, na aldeia *Guyra Nhendu* (Som dos Pássaros), na linha Solidão, em Maquiné, reunindo cerca de 85 *Mbyá*. A cacica da aldeia anfitriã, Julia Gimenes, organizou as atividades deste encontro “no tempo-espaço” dos *Mbyá*, buscando cumprir certas regras do *Mbyá rekó*, que conforme ela, todos Guarani sabem mas não priorizam. Para o encontro na aldeia Som dos Pássaros foi priorizado os horários das refeições no tempo Mbya (sendo a última antes do pôr do sol), e o desafio do preparo de alimentos tradicionais, como por exemplo: *chipá* (pão de trigo frito), *reviro* (bolinhas de farinha de trigo), *rorá* (farofa de milho), *bodiapé* (pão de milho assado na brasa), *mandi’o* (aipim), *avaxi ku’i* (farinha de milho), *kagüijy* (bebida feita a base de milho e mandioca), *komandá* (feijão), *jety* (batata-doce), *jejy* (juçara), *kumandá* (feijão), *pirá* (peixe), *uru ete* (galinha caipira), *mbeju* (tapioca), *ixió* (larva do jerivá), entre outros.

Neste 4º *Nhemboaty*, foi priorizada a compra de alimentos de comunidades locais, das cooperativas de agricultores e da colônia de pesadores mais próximas. Este encontro foi marcado pelo intenso envolvimento, organização e participação de jovens e anciões/anciãs quanto as atividades realizadas. Rezaram por três noites seguidas na *opy*, cantaram e dançaram ao som do violão, *ravé* (violino) e do tambor. Dançaram o *tangará* (dança do *xondaro*), fizeram trilhas na mata, oficinas de capoeira, se banharam e brincaram no rio Maquiné, discutiram questões relacionadas à cosmopolítica *Mbyá* Guarani e retomaram

questões sobre a situação das demarcações e compras de terras por medidas compensatórias¹⁰ Realizaram manifestos sobre as graves ameaças do Governo atual aos direitos indígenas já conquistados. Os encaminhamentos das discussões foram registrados no “Documento do Conselho de Caciques” e também deram início às primeiras linhas do “Plano de Vida *Mbyá kuery*” no litoral do RS. O Plano de Vida salientou sobre a garantia de condições permanentes para a manutenção dos cultivos das sementes originárias e da medicina tradicional, bem como do acesso livre ao *ka’aguy heté reguá* (recursos naturais originários).

Conforme depoimento de finalização, os *Mbyá* expressaram a importância deste 4º Encontro, considerado o “melhor de todos”, conforme registrado na fala da liderança Felipe Brizoela,

Os primeiros encontros, não saíram bem, mas por outro lado deu um *tapé* (caminho), o início do *tapé*. De todos os encontros que aconteceram o melhor que aconteceu foi aqui, em Maquiné. E nós queremos amadurecer mais, fortalecer mais isso ainda no próximo encontro. Aconselhamos os mais velhos e nosso filhos pra continuar essa organização do jeito que está. (...) *Nhanderu* permitiu pra nós mesmos enxergar, abrir a mente, abrir o coração, esquecer de tudo e lembrar aquilo que nós deixamos quietinho em um canto, Ele começou a nos chamar para o nosso *Nhemboaty*. Por isso que é tão importante, parece que a palavra não acaba mais, cada vez nós queremos continuidade. (...) O que traz o nosso *Nhemboaty*? Os aconselhamentos vindos de *Nhanderú*, na palavra dos *karáí*, hoje entendi mais. Vou levar pra minha aldeia, conversar com o meu filho e passar pra minha esposa (...). (Felipe Brizoela, nov. 2016).

Durante o 4º *Nhemboaty* ocorreu um intenso engajamento dos jovens *xondaro kuery* (auxiliares, guerreiros, guardiões ou mensageiros) vinculados às orientações dos *xamõí* (*anciões/xamãs*), se apropriaram do processo, passaram a orientar a organização/programação do 5º *Nhemboaty* que a princípio seria realizado na aldeia *Ka’aguy Pa’ü*, município do Caraá. Também passaram a discutir formas de cobrarem das instituições um retorno dos encaminhamentos registrados nos *kuaxiá* dos Encontros realizados em 2016.

Os Encontros *Mbyá* no litoral incentivaram debates de questões internas das aldeias que precisavam ser discutidas para posteriormente expandirem o diálogo a outras dimensões relacionadas à construção do Plano de Vida; também tem fortalecido a interlocução direta com instituições (órgãos públicos, universidades, ONGs) que atuam nas esferas da assistência social, ATER, educação, regularização fundiária, gestão territorial e ambiental. Tem sido

¹⁰ Pelo Programa de Apoio as Comunidades Indígenas Guarani (PACIG) estando algumas ações de compensação estão paradas há mais de uma década.

oportunizado, também, o diálogo entre as instituições presentes, de forma a buscar estabelecer caminhos conjuntos, a partir das demandas específicas Mbya, que na maioria das vezes carecem de ações e recursos humanos específicos.

Os *Nhemboaty* passaram a ser caracterizados como a metodologia inicial para construção do Plano de Vida *Mbyá kuery* no litoral, pois são espaços de diálogo fundamentais, em que ocorrem os aconselhamentos dos mais velhos a respeito do *mbyá rekó*, o modo de ser guarani. As falas dos *xeramoí* e *xejaryi* (mais velhos/as, os sábios), e dos *karai* e *kunhã karai* (xamãs), abordam temas centrais para a reprodução sociocultural *Mbyá* Guarani, tais como o *mendá porã* (bom casar), *kokué* (agricultura) e *opy reguá* (xamanismo/espiritualidade). Os mais velhos/as e xamãs contam suas histórias e falam da importância dos jovens se dedicarem aos saberes e práticas tradicionais Mbya.

Os *Nhemboaty* expressam a cosmopolítica *Mbyá* para a governança no *Yvy Rupá*, em busca de caminhos que levem ao *tekó porã* (bem viver). Por isso, os encontros são a base para um Plano que expresse o protagonismo e autonomia dos *Mbyá* na negociação e no estabelecimento de acordos internos e externos, permitindo o fortalecimento da proteção e controle territorial, acesso a terras, conservação e gestão da biodiversidade, subsidiando e orientando a execução de políticas públicas voltadas aos *Mbyá*.

Conforme os *Mbyá* os *Nhemboaty* fortalecem a organização em rede, pois são nos encontros que:

Realizamos nossos rituais na *opy*, cantamos, dançamos e rezamos, comemos *tembiu hete' i* (alimento tradicional), discutimos nossa política. [...] É através dos *nhemboaty* que fortalecemos nossa organização social. Nos encontramos para refletir e dialogar em cada aldeia, para que participem as famílias, os mais velhos, os jovens e as crianças. (Plano de Vida, primeiras linhas - 4º Encontro).
Nhemboaty é o nosso modo de viver, garantindo nossa organização interna, entre os parentes que vivem em diversas aldeias, reunindo caciques, *karai*, *kunha karai*, *kiringue*, jovens, mulheres, nos fortalecendo com a lembrança dos nossos antepassados e nos dando continuidade para o nosso futuro. (...) Nós *mbya kuery* queremos a garantia das condições necessárias à permanência do *nhemboaty* e a priorização desse processo por parte do *jurua kuery*, em respeito ao nosso *mbya reko* (modo de ser). (Documento do 4º Encontro).

Para além do acesso a terra com matas e recursos para viver no *Mbyá rekó* buscam apoio institucional para manutenção dos *Nhemboaty* (encontros) entre as aldeias, garantindo um processo contínuo de organização interna e fortalecimento da cosmopolítica e da rede interaldeã *Mbya* Guarani e com apoiadores não indígenas.

Embora haja um conflito histórico entre o Estado brasileiro e os indígenas, os *Mbyá* consideram que as instituições supracitadas sejam parceiras para concretização da articulação intercultural na construção do Plano de Vida *Mbyá* no litoral do RS. As primeiras linhas do Plano de Vida *Mbyá* kuery foram escritas no 4º Nhemboaty e expressam bem as demandas gerais dos Mbya no litoral.

Nesse sentido, os grupos reunidos são claros com relação à sua demanda central:

Nosso Plano de Vida é dar continuidade ao modo de ser e viver dos Mbya, ensinado pelos *xeramoi* e *xejaryi*. O nosso *Mbya rekó* é o Plano de Vida. Para isso, hoje dependemos da demarcação das nossas terras, de garantir condições permanentes para a manutenção dos cultivos das nossas sementes e da medicina tradicional. Do acesso livre ao *ka'aguy heté reguá* (recursos naturais originários), como *yy porã* (fontes de água pura), *mymba* (animais silvestres), *yva'a* (frutas nativas), *ei hete'i* (abelhas nativas) e a matéria prima necessária para os nossos artesanatos, tais como *takua hete'i* (taquara), *guembé pi* (cipó), *yvíra* (fibras) e outras plantas. Também precisamos ter acesso às matas e áreas de pesca para além das *tekoa*, realizando trocas com as outras comunidades, ajudando na manutenção dos corredores ecológicos que interligam as nossas aldeias e os caminhos percorridos pelos ancestrais Mbya Guarani. Pensamos desde o litoral do Rio Grande do Sul para todo nosso território tradicional, que não tem fronteiras. (Plano de Vida, primeiras linhas - 4º Encontro).

Os *Mbyá* falam em “Planos de Vida *Mbyá kuery*” ao invés de PGTA, pois envolve o fortalecimento da espiritualidade e da educação tradicional na *opy*, da construção e articulação em rede de alternativas sustentáveis para manutenção do *Mbya rekó* em meio da governança do *Yvy Rupá*. Por certo, os grupos participantes nos encontros são diferentes entre si e cada aldeia tem suas problemáticas e demandas materiais específicas, mas, no entanto, de maneira geral, os *Mbyá* das diferentes localidades do litoral têm dificuldades em viver de acordo com sua cultura ou *Mbya rekó* (modo de ser) em decorrência do processo de colonização e a forma de organização dos *jurua kuery* (não indígenas). Relatam que há décadas os investimentos em os projetos e políticas públicas direcionados para as aldeias *Mbyá* são pensados pelos *jurua kuery* (não indígenas), não resolvendo os problemas locais e causando muitos conflitos internos. Explicam que somente nos últimos anos os Guarani começaram a ser questionados, participando na decisão quanto ao uso dos recursos do governo, indicando como/para quê devem ser aplicados nas aldeias. Nas últimas décadas somente ações assistencialistas tem chegado às comunidades, pois não existe um plano a médio e longo prazo, que atenda as especificidades de cada aldeia, bem como vislumbre ações de complementariedade entre elas.

Uma retomada para o Bem Viver

Em 27 de janeiro de 2017, as vésperas de ocorrer o 5º *Nhemboaty* no litoral, um grupo de *Mbyá Guarani* realizou o movimento autônomo de retomada de terras ancestrais em uma área pública, sob domínio da Fundação Estadual de Pesquisa e Agropecuária – FEPAGRO, no município de Maquiné. A entrada foi pacífica, reunindo famílias de diferentes localidades do *Yvy Rupá*, que buscam espaços possíveis para viverem conforme as “regras de Nhanderú” e os conduzem ao *tekó porã* (bem viver), mas que depende de espaços adequados para viver o *Mbya rekó*.

André Benites (*Mbyá Guarani*), relata sobre as motivações da retomada:

Nós sabemos que nesse lugar já tinham passado muito de nossos povos... antes dos brancos pegarem tudo né... então esse lugar já era nosso lugar... por isso é que nós estamos retomando... que essa área não foi invadida... não foi ocupada... a gente só esta voltando pro que era nosso lugar né... que nossos antepassados viviam aqui né... Então nós estamos aqui retomando o lugar e... a gente tá aqui feliz é porque essas áreas... áreas assim que sempre nós precisava né... pra continuar nossos modos de viver... principalmente pro jovem aprender nossa cultura novamente né... que muitos brancos falam que nosso povo esta perdendo a cultura, ta esquecendo a cultura... mas nós nunca nos esquecemos né... só que nós não temos mais formas de continuar porque tem muitas áreas...ou seja a maioria das áreas que aqui no estado... que foi dado pros Guarani... mas são áreas usadas.. áreas que não prestam.. que não prestam pra nós... então pra não ter briga com os brancos... sempre nós esperava assim... os estados e instituições dessem pra nós... só que a gente percebeu que eles davam áreas que não prestam.

Imediatamente, após duas semanas de retomada, os *Mbyá* deram início à construção da *opy* (casa de reza, curas e celebrações) e posteriormente mais de 12 casas tradicionais para abrigarem as famílias que a cada dia se deslocam de diferentes porções do *Yvyrupá*. São mulheres, crianças em diferentes idades que não estão mais dispostas a viverem de favor em terras e vizinhos não indígenas. Já iniciaram as os plantios da *kokué*, buscando salvaguardar uma grande variedade de cultivares. Realizaram cerimônias do *Nhemongarái*, com erva-mate e mel colhido nas matas da área retomada. Atualmente, próximo a completar 8 meses de retomada, cerca de 27 famílias *Mbya* habitam a nova tekoá (aldeia), nomada de *Ka’aguy Porã* (Matas sadias, boas, com recursos naturais abundantes, onde vivem os animais originais em sua diversidade).

Desde a entrada dos *Mbyá* na área retmada constituiu-se uma rede solidária de apoiadores não indígenas provenientes de diferentes espaços institucionais, tais como: estudantes, pesquisadores e professores universitários (UFRGS, UERGS, IF); representantes de ONGs socioambientais e indigenistas (Ação Nascente Maquiné - ANAMA, Associação de

Estudos e Projetos dos Povos Indígenas e Minoritários - AEPIM, Amigos da Terra, Coletivo Baçara, Coletivo Libertário de Apoio aos Povos Ameríndios – CAPLA, Centro de Trabalho Indigenista - CTI); Comissão *Yvyrupá*; representantes do Conselho Indigenista Missionário - CIMI; agroecologistas vinculados a cooperativas de agricultores familiares do litoral norte; técnicos de instituições como Emater/Ascar, Secretaria de Desenvolvimento Rural, Pesca e Cooperativismo (SDR), SEMA/RS, Embrapa; membros do Conselho Estadual dos Povos Indígenas – CEPI; Centro Budista – CEBS; Movimento Cidadanista RAIZ; Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa/RS; entre outros ativistas ligados aos direitos humanos, técnicos, antropólogos, jornalistas, historiadores, geógrafos, biólogos, sociólogos. Alguns destes apoiadores já estavam articulados aos Mbya desde a realização dos *Nhemboaty*. Algumas matérias (textos e documentários) têm sido veiculados na mídia alternativa, na intenção de dar maior visibilidade à sociedade em geral sobre o processo que ocorre em Maquiné.

Todos estes apoiadores contribuíram para a sistematização e produção de documentos que passaram a subsidiar a defesa *Mbyá* perante o processo aberto pelo Governo do Estado do RS com vistas à reintegração de posse. Conectados em uma rede solidária física e virtual (*Whatsapp*) circulam as informações estratégicas, técnicas, jurídicas e campanhas voltadas a arrecadação de doações (alimentos e roupas) para manter a retomada.

A assessoria jurídica aos *Mbyá* está sendo dada por um advogado da Comissão *Yvyrupa* que reúne representantes de aldeias de todo o Brasil na articulação nacional de lutas por terras *Mbyá* Guarani, com sede na Terra Indígena Tenonde Porã, em São Paulo. Apesar das tensões de uma possível reintegração e posse, a resistência e mobilização em rede permitiram a abertura de negociações com a Procuradoria Geral do Estado (PGE), levando a suspensão da reintegração de posse por três vezes, apostando em uma conciliação de partilha da área de 367 hectares entre os *Mbyá* e a FEPAGRO. A busca é pela conciliação da manutenção da pesquisa científica associada ao conhecimento tradicional indígena, de modo que a proposta inicial aventava a possibilidade da construção da gestão compartilhada da área. Foi constituído entre os apoiadores (técnicos e pesquisadores que atuam em universidades, ONGs e empresas públicas) um grupo de incentivo e apoio nas negociações para que reconheçam as possibilidades da realização pesquisas intercientíficas na área, buscando fontes de apoio financeiro nacional e internacional. Cabe salientar, que estes pesquisadores (UFRGS, UERGS, IF) apoiadores dos Mbya na retomada já realizam projetos de ensino, pesquisa e

extensão com diversas comunidades Mbya Guarani no RS há muitos anos. O Vale do Maquiné, a área da FEPAGRO agora retomada, é um destes locais de pesquisa já muito conhecido pelos Mbyá.

Ao longo dos *Nhemboaty* de 2016 os *Mbyá* destacaram a necessidade de apoio às ações de gestão ambiental voltadas a fortalecer a complementariedade entre as aldeias, no que tange deslocamentos e meios de transporte para realização de intercâmbios de recursos naturais disponíveis ao coletivo *Mbyá* no território, mutirões para plantios, já que é a na mobilidade que se dá gestão territorial e ambiental para os Mbya. Também, a construção de arranjos institucionais que garantam o acesso dos Mbya às áreas de uso não exclusivo, fora dos limites das terras, conforme Eixo I, objetivo “e” da PNGATI¹¹.

Reflexões em torno da construção de um “Plano de Vida” e as interações que envolvem este processo com a governança intercultural dos Guarani, envolvendo estratégias de gestão territorial e ambiental no *Yvy rupá*, podem ser analisadas a luz da perspectiva teórica do Bem Viver. A retomada em Maquiné é a expressão viva da perspectiva do Bem Viver, envolvendo a luta pela garantia dos Direitos Humanos e dos Direitos da Natureza.

Conforme André Benites, a retomada é o Plano de Vida *Mbyá kuery* que “saiu do papel”, pois para ele é o resultado de muitos anos de aconselhamento dos mais velhos e xamãs (*xamõi, karaí*) de que deveriam buscar áreas melhores para viverem conforme o *Mbyá rekó*. André relatou:

(...) Ninguém falou da retomada, nos encontros, assim: “que nós tem que fazer retomada”. Mas eu acho que ideia, só saiu na prática, eu vejo, e também eu falo isso porque eu sinto isso, porque os mais velho falou isso (...). Nós começamo assim porque, os *Mbya* que tão aqui em Maquiné, ninguém teve aldeia. E acho que essa energia toda que chega em nós, quando falam pras pessoas que nós tamo aqui, através desse né, da fala dos mais velhos. Acho que a energia mesmo assim, própria da alma né, acho que a energia começou desses movimento, eu acho. (...) E eu ouvi há muito anos os mais velhos falando e reclamando que os próprios *karaí* não tem mais tranquilidade pra se movimentar. Porque tá perto da cidade, não tem movimento, não tem como, como... É não tem força pra agir. Pra buscar esses caminhos. Porque não tem mata, área aberta, não tem plantio, não tem força. Porque tudo que vem é através do plantio. (...) Gostei muito até agora porque saiu desse Plano e Vida ai da Solidão (4º *Nhemboaty*). Eu falei sempre que, aquele plano de vida foi muito produtivo. Eu vejo assim, não sei outras pessoas tão vendo, mas eu vejo assim. Eu fiquei feliz assim. Podemos detalhar um pouco o que foi escrito, mas

¹¹ Eixo 1 - proteção territorial e dos recursos naturais: e) apoiar a celebração de acordos e outros instrumentos que permitam o acesso dos povos indígenas aos recursos naturais que tradicionalmente utilizam localizados fora dos limites de suas terras.

é aquilo lá. Ninguém falou dessas áreas, ninguém organizou, pra fazer retomada, nossa energia surgiu desses encontros, eu acho que sim. Porque essa retomada tem que ser só mais uma apenas, só mais um. Ou seja, mais um resultado que surgiu através das conversas, dos encontros, do apoio. (André Benites, jul. 2017)

De acordo com Acosta (2016) a construção do Bem Viver vai muito além do desenvolvimento sustentável, pois assume a Natureza como sujeito de direitos. A Constituição do Equador (2008) reconhece os Direitos da Natureza na medida em que reconhece a mesma como “sujeito de direitos”, não mais como objeto, devendo ser “integralmente restaurada em caso de degradação” (ACOSTA, 2016, p.122). O Bem Viver, como perspectiva teórica, contribui para construção de alternativas ao desenvolvimento, buscando a emancipação social de sujeitos historicamente condenados a viverem subjugados pelo colonialismo em suas mais variadas roupagens. O Bem Viver coloca-se como uma alternativa em construção e reconstrução, que traz na sua essência críticas e resistência à todas formas de colonialismo, à ideologia do progresso e ao crescimento econômico, se inspirando em alternativas de vida baseadas nas culturas dos povos originários (ACOSTA, 2016).

Conforme Acosta (2016), o Bem Viver está na contramão dos projetos de desenvolvimento e seus múltiplos sinônimos, pois inspirado na diversidade de culturas de vida, e por isso na complexidade, pode ser identificado, conhecido e praticado em diversas regiões do nosso planeta, evocado em diferentes idiomas como *ubuntu* (África do Sul), *svadeshi*, *swaraj* e *apargrama* (Índia). Na América Latina a perspectiva do Bem Viver se fortaleceu por meio da mobilização indígena principalmente no Equador e na Bolívia, cujas lutas revolucionárias surtiram efeitos políticos que se desdobraram na inclusão da perspectiva do Bem Viver na Constituição¹² destes países: *Buen Vivir* (Equador) – *sumak kwasay* (*kíchua*); *Vivir Bien* (Bolívia) – *suma qamaña* (*aymara*) (ACOSTA, 2016). Estes Estados pluriétnicos ou plurinacionais representam a vanguarda no que tange formalizar a perspectiva do Bem Viver em princípios constitucionais em que se destacam os Direitos da Natureza.

Para os *Mbyá* Guarani o termo “*teko porã*”, pode ser traduzido como bem viver, com as suas especificidades, sendo sua histórica mobilidade no *Yvy rupá* e as articulações contemporâneas para demarcação ou autodemarcação (como os movimentos de retomada) parte de um caminho para o bem viver (LADEIRA, 2008, SOARES, 2015).

¹² As Constituições buscaram romper com os ideais neoliberais do Consenso de Washington (1949) e com ideais do capitalismo e do ‘dito’ desenvolvimento como única via a seguir.

O uso *teko porã reguá* (caminho para o bem viver) foi uma das diretrizes em pauta na construção deste Plano de Vida *Mbyá kuery*. O termo *reguá* (caminho, no entorno de) foi acrescentado após conversas interculturais estabelecidas junto à equipe do NIPEDETE em diálogos com liderança Mbya Guarani a respeito do significado de “*teko porã*”. As palavras deste Mbya expressam, em parte, o significado de *teko porã*:

Teko porã na verdade pra nós, ele envolve tudo, a partir das culturas, como direciona, orienta, e ter sua própria educação, sua própria convivência, sua própria organização, a possibilidade, o recurso, ele envolve tudo, entendeu? Esse é *teko porã*. (...) *Teko porã* não tem significado, tradução, pro *jurua kuery*, só tem significado pra nós. (...) *Teko porã* não é com ajuda do *jurua kuery*, isso aí é próprio, por si, é pelo *mbya kuery*, não é pela ajuda do *jurua kuery*, entendeu? **É tudo espiritual.** (...) **Tekó é essa forma de se formar o mbya.** *Tekoá*, não é casa, não é propriedade, não é material, é uma forma de tu viver, se sentir *mbya*. (...) ***Teko porã reguá*** indica que o guarani tá querendo garantir espaço, tá querendo garantir as condições pra que tenha continuidade, **é o caminho, o entorno. Seria um início pra chegar, uma busca pra chegar no teko porã** (Felipe Karai Brizoela, cacique da aldeia *Pindoty*, março/2016, grifos nossos).

Caminhar em direção ao *teko porã* é um processo individual, que cabe a cada *Mbyá*, baseado em viver conforme as regras de *Nhanderú*, mas que se alcançado sinaliza a possibilidade dos coletivos estarem caminhando, e em movimento, habitando espaços ambientalmente propícios para manutenção dos seus costumes, conforme o *Mbyá rekó*.

Conforme André Benites, a área retomada em Maquiné, compõe o *tekó porã reguá* (caminho para o bem viver), pois dá condições aos *Mbyá* de viverem o *Mbyá rekó*:

Teko porã e Mbya rekó... *teko porã* depende do *Mbya rekó*. Dependência seria que pra chegar no *teko porã* no primeiro lugar é começar no *Mbya rekó*. Que nesse lugar tem tudo. Remédio, comida, água. É bem assim. Então nós começamos, não é nós, só daqui né, todos nós, mais velho que tá falecido hoje, os cacique que tá falecido hoje, então luta só temo que tá continuando. Ou seja, uns trinta, quarenta anos atrás os cacique, mais velhos lutavam e agora que tá dando resultado. Tá acontecendo retomada, o próprio *Mbya* viu, agiu, o próprio *Mbya* vê onde seria melhor, onde seria importante, onde seria lugar, onde pode ter esse *Mbya rekó*. É aqui é mais mata. Pra viver no *Mbya rekó* mesmo é mata, mas não é só mata né, pode ter capoeira também, mas na mata é que tem tudo. Aqui tem rio, que a gurizada pode aprender de novo né, a pescar. Olha, acho que tudo aqui, tem tudo. O meu filho mais velho, tava dizendo que tava procurando pra viver no *Mbya rekó*, que ele sempre quis, sempre desejo ele e único lugar que achou foi esse aqui. Aqui tem tudo pra viver o *Mbya rekó*. Principalmente mata. Mata que tem condições de viver conforme o *Mbya rekó*. (André Benites, jul. 2017).

Ainda sobre o caminho para o Bem Viver, André relata,

Porque a única coisa que a gente pode fazer de movimento é isso. Se não nós ficamos parado. O que nós temos que fazer? Qual é o nosso movimento? Nosso projeto? Movimento assim? É busca de *teko porã*. Primeiro lugar se instalar, fazer casinhas tradicional, faz plantação, que vem depois a saúde, então nosso movimento

é apenas esse. O projeto é esse. Eu entendo assim, talvez outra pessoa vai te responder bem diferente. Esse é o objetivo eu o Mbya sempre busca. Nosso objetivo é ter tranquilidade, saúde. E pra chegar nesse ponto que nós temos que fazer? Plantar, em um lugar bom assim, produtivo, nós temo que fazer isso. Não tem outro jeito. O movimento que tem pra fazer é esse. Esse é o movimento do antigo também, projeto deles antigamente funcionava assim. Fazer movimento. Só que movimento bem diferente né. Movimento sem dinheiro né. (André Benites, jul. 2017).

Na América Latina, os processos de mobilização e resistência em relação aos grandes empreendimentos, distintas formas de espoliações, as lutas pelas demarcações de terras indígenas, retomadas de terras, lutas camponesas pela soberania alimentar, redes de cooperação, entre outras iniciativas representam alternativas ao desenvolvimento (LANG, 2016). Também a elaboração de “planos de vida”, construído nas bases das articulações dos atores sociais, em torno do diálogo de saberes, pensando formas de produção, organizações autônomas e experiências voltadas à autogestão do território, retirando do Estado o papel centralizador, sinalizam processos contínuos de transformação, reposicionamento e renovação voltados a alternativas ao desenvolvimento (LANG, 2016).

Na retomada em Maquiné os *Mbyá* estão colocando em prática as primeiras linhas do Plano de Vida *Mbyá Kuery*, escrito durante do *IV Nhemboaty*, em Maquiné. Cabe ressaltar que o *IV Nhemboaty* foi realizado na aldeia *Guyra Nhendu* (Som dos Pássaros), e que esta aldeia deixou de existir desde meados de julho de 2017, pois as famílias Mbya ali residentes, lideradas pela cacica Julia Gimenes, foram forçadas a deixarem a terra, após receberam a notícia que o proprietário vendeu as terras, onde viviam “de favor” há mais de seis anos em uma legítima tekoá (aldeia) Mbya Guaraní, com opy e casas de moradia tradicionais. A cedência a terra se deu em meio às relações de trabalho dos Mbya em lavouras de hortifrutigranjeiros na região, atividade exercida há décadas pelos Guarani no litoral do RS.

A região de Maquiné, no contexto da territorialidade Mbya no *Yvy Rupá*, é vista como um centro de convergência espiritual, mas contraditoriamente, o Vale do Maquiné tornou-se um “pólo” de deslocamentos dos Guarani que se deslocam de várias regiões do *Yvy Rupá* para trabalharem em lavouras, do plantio a colheita) com uso intensivo de agrotóxicos, os Mbya são considerados excelentes trabalhadores em termos de “produtividade” e importantes para o “desenvolvimento” do município e da região que se destaca na produção de hortaliças, comercializadas para os grandes supermercados da capital do Rio Grande do Sul.

Considerações finais

O processo de construção do Plano de Vida *Mbyá kuery*, que contou com a realização dos *Nhemboaty*, resultaram no fortalecimento da rede espiritual e política *Mbya* dando força para o movimento de retomada em Maquiné, que é um espaço que possui os elementos necessários ao caminho do *teko porã*, pois possibilitam vivenciar o *Mbya rekó* (modo de ser, modo de vida). Atualmente vivem na nova aldeia da área retomada cerca de 30 famílias, vindas de diferentes partes do *Yvy Rupá*, todas em busca um espaço que lhes permita viver conforme seus costumes, de acordo com o *Mbya rekó*.

Verifica-se que o Plano de Vida, possui caráter dinâmico e é um documento político, mas primordialmente, os resultados visíveis com este tipo de Plano estão no “processo de construção” e não do produto final em si. O Plano de Vida não se resume no material impresso a ser produzido, como um livro que apresenta demandas e projetos à um Governo estatal. O Plano nasce do e no território em si, no engajamento dos indivíduos com o processo de autorreflexão e questionamento sobre a situação em que se encontram, pois é no passado, na memória que está à projeção de futuro do Plano de Vida. Inclui-se a reflexão sobre o autogoverno, buscando diminuir a dependência dos esquemas do Governo, gerando e fortalecendo as redes solidárias existentes no território. A retomada é a expressão viva do plano de vida *Mbya* nesta porção do território originário Guarani. De uma política de desenvolvimento, como o PRONAT e a PNGATI, encaminham-se outros desdobramentos alternativos, quiçá, a expressão prática das alternativas ao desenvolvimento, o caminho do Bem Viver. As mobilizações dos encontros, realizados ao longo de 2016 fortaleceram a rede espiritual e política dos *Mbya*, aproximando lideranças e famílias de diferentes regiões do *Yvy Rupá*, que não só do litoral do RS, contribuindo inclusive para articulação do movimento de retomada de terra em Maquiné, demonstrando que o Plano de Vida *Mbya* está vivo e as alternativas ao desenvolvimento estão sendo construídos na articulação com as redes interculturais de apoiadores, solidários a fortalecer o caminho dos *Mbya* ao *teko porã*. Mesmo que para isso seja necessário fazer uso dos recursos que as políticas de desenvolvimento atuais oferecem ou impõem, e na medida do possível, irem libertando-se das amarras que os aprisionam a esquemas sistemáticos de dependência. Pois, garantido a terra e a natureza nela ainda presente, manterão as bases espiritual, alimentar e educacional originárias, que dirige seu autogoverno.

Referências Bibliográficas

- ACOSTA, A. *O Bem Viver: Uma Oportunidade Para Imaginar Outros Mundos*. São Paulo, Editora Elefante, 2016.
- BERKES, F. *et al. Navigating social–ecological systems: building resilience for complexity and change*. United Kingdom: Cambridge University Press, 2003.
- COSSIO, R. R. *Etnoecologia caminhante, oguata va'e, em trilhas para a descolonização de relações interculturais: circulação de pessoas e plantas Mbya Guarani entre Brasil e Argentina*. Dissertação. Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015.
- GADGIL, M.; BERKES, F.; FOLKE. *Indigenous, knowledge for biodiversity conservation*. *Ambio*, [S.l.], v. 22, n.2, 1993.
- GARLET, Ivori José. *Mobilidade Mbya: História e Significação*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 1997.
- LANG, M. Introdução. Alternativas ao desenvolvimento. In: DILGER, G.; LANG, M.; PEREIRA FILHO, J. *Descolonizar o Imaginário*. Debates sobre pós-extrativismo e alternativas ao desenvolvimento. Grupo permanente de trabalho sobre alternativas ao desenvolvimento. Fundação Rosa Luxemburgo. 2016.
- PRINTES *et al.* Informações preliminares sobre os Mbya Guarani no Município de Maquiné: “Retomada de terras ancestrais. (não publicado) 2017.
- SCHADEN, E. *Aspectos fundamentais da cultura Guarani*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1962.
- SOUZA, J. O. C. de. Territórios e Povos Originários (Des)velados na Metrópole de Porto Alegre. Em: FREITAS, A. E. de C.; FAGUNDES, L. F. C. (Org.). Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Segurança Urbana. 2008.
- SOUZA, J. O. C de. *Cosmo-Ecologia Mbyá-Guarani*. In: FAGUNDES, L.; FREITAS, A. E. de C. Caderno de Direitos Humanos, Porto Alegre, p. 1 - 44, 20 dez. 2010.
- STENGERS, I. *La proposition Cosmopolitique*. In: LOLIVE, J.; SOUBERYRAN, O. *L'ermengence des cosmopolitiques*. Paris: La Découverte. 2007